



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Fundamentos do Serviço Social

A CRISE CONTEMPORÂNEA E AS AMEAÇAS AO PROJETO ÉTICO-POLÍTICO DO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO

MARCELO BRAZ MORAES DOS REIS¹

RESUMO

O texto expõe resultados preliminares de projeto de pesquisa que desenvolvemos. Ele se propõe a estudar a evolução histórico-concreta da crise atual do modo de produção capitalista com ênfase em seu último episódio que irrompeu em 2008/9 e suas consequências para o Serviço Social brasileiro nesta quadra e, em especial, para seu projeto ético-político.

Palavras-chave: Capitalismo contemporâneo; crise brasileira; Serviço Social; projeto profissional

RESUMEN

El texto presenta resultados preliminares del proyecto de investigación que desarrollamos. Se propone estudiar la evolución histórico-concreta de la actual crisis del modo de producción capitalista con énfasis en su último episodio que estalló en 2008/9 y sus consecuencias para el Trabajo Social brasileño en ese período y, en particular, para su proyecto ético-político.

Palabras claves: Capitalismo contemporáneo; crisis brasileña; trabajo social; proyecto profesional

INTRODUÇÃO

O texto aqui apresentado expõe resultados preliminares de projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo desde 2023, parte deles já divulgados em publicações recentes. A investigação em curso se propõe a estudar a evolução histórico-concreta da crise atual do modo de produção capitalista com ênfase em seu último episódio que irrompeu em 2008/9 e suas

¹ Departamento Especializado em Segurança e Saúde Ocupacional/Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

consequências para o Serviço Social brasileiro nesta quadra e, em especial, para seu projeto ético-político. Investigamos as particularidades da crise no Brasil, cujos desdobramentos mais efetivos ganharam maior projeção a partir de 2013/14, convergindo com o desencadeamento de uma vultosa crise política que levou o país a viver uma sucessão de momentos dramáticos que abalaram as bases nas quais até então se estabelecia o bloco de poder vigente desde 2003.

Mais especificamente, pesquisamos as repercussões da crise entre os chamados elementos constitutivos do projeto profissional que são aqueles presentes em determinadas dimensões que materializam o projeto, especificamente: a dimensão teórica do projeto profissional, relativa à produção de conhecimentos do Serviço Social brasileiro; a jurídico-política, concernente ao conjunto de leis, resoluções, diretrizes e princípios que envolvem a profissão no Brasil; e a político-organizativa, referente às entidades representativas da categoria dos assistentes sociais no Brasil (Barata & Braz, 2009). Tais elementos constitutivos permitem relacionar a crise capitalista contemporânea ao projeto profissional, buscando identificar neles os efeitos e as consequências da crise.

A partir deste entendimento do projeto ético-político é que o temos estudado, a fim de atualizar a leitura com base nas inúmeras mudanças sociais que se deram nos últimos vinte anos. No entanto, de modo mais preciso, afirmamos que a investigação vem privilegiando o período histórico em que a grande e grave crise capitalista que se iniciou em 2008/9 alcançou o Brasil entre 2013 e 2014, entrelaçando-se com a profunda crise política em que mergulhou o país, especialmente após a queda da ex-presidente Dilma Rousseff que assinalou o esgotamento do bloco de poder iniciado em 2003 que teve no PT o seu operador político principal.

Naquele ano de 2013 uma série de movimentos de massas sacudiu o país de tal maneira que provocou inúmeros abalos econômicos, políticos e sociais. Como parte importante das lutas de classes, aquelas jornadas que se estenderam, fundamentalmente, ao longo do mês de junho, trouxeram alterações de monta para a realidade nacional – a começar por nos apresentar uma certa “nova direita” que se ramificaria em muitas tendências, entre elas aquelas que assumiram posições abertamente fascistas, condensadas em agrupamentos de uma extrema-direita que praticamente desconhecíamos ou, pelo menos, não tínhamos ciência de que poderia se constituir como força política capaz de interferir nos rumos da nação, como de fato passou a se dar.

Neste tempo histórico, que já completou uma década em 2023, a sociedade brasileira viveu momentos políticos dramáticos, que são expressões mais ou menos ocultas das lutas de classes, que nos puseram numa crise de grande vulto na qual ainda estamos imersos. A partir de

2013 até os nossos dias o Brasil passou a conviver com momentos de enorme ebulição sociopolítica que não pararam de estremecer o país.

Ao longo da pesquisa temos buscado a elaboração de uma análise global dos impactos da ascensão do conservadorismo reacionário no Brasil e de suas expressões sociopolíticas, de que é exemplar o bolsonarismo, no projeto ético-político do Serviço Social, em cada um daqueles seus elementos constitutivos. Dada a amplitude deste objeto estabelecemos recortes necessários em cada uma daquelas dimensões (a teórica, a jurídico-política e a político-organizativa), a fim de tornar factíveis os objetivos da investigação e adotamos uma metodologia adequada à natureza da pesquisa e pertinente a seus objetivos.

Três elementos enfeixam o objeto de nossa pesquisa: a *crise contemporânea do capitalismo*; a *forma particular da crise no Brasil*; e o *projeto ético-político do Serviço Social brasileiro*. Partindo do mais desenvolvido para o menos desenvolvido, buscamos entender os aspectos centrais da crise atual e como ela alcançou o Brasil se particularizando entre nós sob a forma de uma duradoura e profunda crise política e como o nosso projeto profissional enfrentou as suas consequências mais deletérias.

A crise

Por conta dos limites de espaço apresentamos a seguir, de modo muito sumário, aspectos incontornáveis da crise contemporânea, especialmente aqueles que explodiram em 2008. A figura da “explosão” é debitada à análise que concebe as crises como expressões condensadas das contradições próprias do movimento do capital. Quando tal condensação atinge seu ápice, normalmente após ciclos econômicos de crescimento, a crise irrompe ou, se quisermos, explode. Não há capitalismo sem crise. A rigor, capitalismo é crise.

Os países centrais vivem uma crise que, entre tantas consequências, estabeleceu as bases para uma duradoura estagnação econômica, atestada por baixos índices de crescimento. À exceção da China, o conjunto da economia capitalista tem apresentado, no máximo, isolados intervalos espasmódicos de expansão, contrariando a série histórica de ondas longas verificadas até a entrada dos anos 1970. Alguns especialistas acreditam que dificilmente superarão essa situação já que ela é determinada por fatores estruturais que sinalizam não apenas a crise, mas a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

decadência do capitalismo no centro (EUA, UEE e Japão). Nesse sentido, trata-se de uma crise “irreversível”², talvez o “canto do cisne” do modo de produção capitalista. (BEINSTEIN, 2013).

Desenvolvem-se tendências que se assemelham com aquelas que se desenvolveram no período da própria gênese do capitalismo, quando a hipertrofia do capital comercial e do capital usurário assinalou o declínio do modo de produção anterior e foi a parteira do mundo burguês. A hipertrofia do capital financeirizado na contemporaneidade pode ser a parteira da autorruína do sistema capitalista. Não à toa, as “taxas de crescimento produtivo global, principalmente nos países centrais, foram se reduzindo como tendência de longo prazo, a economia foi se financeirizando, até que, no final da primeira década do século XXI, a massa financeira global equivalia a vinte vezes o Produto Bruto Mundial. Os Estados, as empresas e os consumidores das nações ricas se endividaram vertiginosamente até acabarem esmagados pelas dívidas.” (BEINSTEIN, 2013, p. 83).

Esse quadro foi se desenvolvendo ao longo das últimas quatro décadas tendo se iniciado entre o final dos anos 1960 e o início da década de 1970. “A partir daí, a expansão do capitalismo global se combina com a deterioração de seus componentes fundamentais, que vão sendo cobertos pelo parasitismo financeiro e consumista, uma militarização desestruturante na qual a dinâmica tecnológica está no centro de uma depredação sem precedentes dos recursos naturais” (*Idem*). E a partir de 2007-2008-2009 a situação se aprofunda lançando o mundo capitalista num cenário de autodestruição.

Os efeitos dessa última grande crise repercutem até nossos dias. Eles vêm levando de roldão economias tanto dos países centrais quanto dos periféricos no âmbito do movimento mundial de capital, enfraquecendo ainda mais as nações de economias mais dependentes dos investimentos externos. A equivocada interpretação que tende a separar as finanças da produção real de valor acaba por reduzir a crise atual a um sintoma do domínio da especulação. Na verdade, o crescimento do *capital fictício*, forma de capital característica das atividades especulativas do capital financeiro, se explica pelas dificuldades de valorização do capital na economia real. No mercado de ações ele atua por meio de vultosos investimentos cujas possibilidades reais de obter o retorno proporcional são irreais, ou pelo menos aquém dos valores mastodônticos investidos. O seu impacto na produção real é dialeticamente proporcional aos aportes de capital que faz nas ações de empresas: quanto mais compra ações em busca de

² Mas há quem pense que ela pode ser superada, pelo menos no médio prazo, como sustentam Duménil e Lévy “Superação da crise, ameaça de crise e novo capitalismo” in F. Chesnais, G. Duménil, D. Lévy e I. Wallerstein *Uma nova fase do capitalismo?* Ed. Xamã/Cemarx-UNICAMP: São Paulo/Campinas, 2003.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

frações dos lucros futuros e de dividendos, mais improvável se torna a obtenção dos lucros esperados, por mais que isso leve efetivamente a um processo que intensifica a extração da mais-valia, única fonte de valor novo.

A busca de valorização desse tipo de capital (recorde-se que ele advém da superacumulação e que está à procura de recuperar taxas de lucro) o leva a avançar sobre os salários dos trabalhadores que sofrem reduções absolutas com a mercantilização e o encarecimento dos serviços sociais (saúde, educação, transportes etc.), verificando-se uma *brutal transferência de rendimentos do trabalho para o capital financeiro*. Foi a expansão do mercado de títulos da dívida pública (parte importante do sistema financeiro renovado a partir dos anos 1970/1980) que criou um canal para essa sucção de valores.

A combinação desses movimentos próprios do capitalismo contemporâneo torna os países da periferia alvos frequentes da dinâmica imperialista que age de modo a criar as condições ideais para que os grandes grupos monopolistas que sediam possam valorizar seus capitais, seja por meios especulativos, por todo tipo de exportação de capitais (produtivo ou de empréstimo), para o que precisam encontrar aliados na periferia que abram as vias para seus negócios. Nesse sentido, quando as condições não são as mais favoráveis, os países imperialistas atuam, por todos os meios, para tornar o quadro político e econômico mais favorável a seus interesses. Quando se trata de um país de importância econômica significativa, como é o caso do Brasil, as ações pró-imperialistas são intensas. E é justamente por isso que nos tornamos alvo dos ataques.

A crise brasileira e o projeto ético-político

Em meio a esta difícil conjuntura de crise o Serviço Social vem enfrentando inúmeros desafios. São os profissionais que estão na ponta dos serviços que se deparam com a concretude daquilo que levantamos como objeto de pesquisa: é no cotidiano profissional que se materializam as condições com as quais se defrontam o projeto ético-político.

Frente a esta conjuntura desafiante e ameaçadora de crise é que temos de pensar nas formas de preservação de nossas conquistas condensadas no projeto ético-político, refletindo as condições com as quais se defrontam aquilo que chamamos de suas dimensões (ou elementos) constitutivas: a dimensão teórica; a dimensão político-organizativa; e a dimensão jurídico-política. Para tanto, devemos agora buscar explicitar a convergência entre a crise contemporânea, sua particularidade brasileira e o projeto ético-político.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Começamos pelo ponto de chegada da onda conservadora que nos abateu que foi, justamente, a ascensão ao poder de Bolsonaro. Ela assinala o epicentro da crise brasileira. Seu governo expressou um caráter essencialmente antinacional, antipopular e antidemocrático. Um governo de destruição nacional e de regressão social que atuou para liquidar qualquer vestígio de desenvolvimento econômico minimante soberano e apoiado em diretrizes redistributivas. Tal intuito o levou a atacar fortemente os direitos sociais e trabalhistas e a desmontar parte do que havia de institutos democráticos erguidos após Constituição Federal de 1988.

Para tanto, tratou de avançar sobre as fragilidades da democracia no Brasil legadas por nossa formação social. Navegou numa conjuntura em que os diversos segmentos das classes dominantes lutavam entre si pela direção política de um novo bloco de poder que ainda estava a se formar após a dissolução daquele que vigorou até 2016. Bolsonaro alimentou-se desse ambiente de instabilidades e de conflitos intraburgueses que foram, ainda, potencializados, pelos desafios postos pela conjuntura mundial marcada pela pandemia. Além disso, as próprias debilidades e dificuldades recentes da esquerda brasileira também o fortaleceram, especialmente após o esgotamento do ciclo petista iniciado em 2003.

Mas antes desse ponto de chegada que se tornou o epicentro da crise, temos um ponto de partida. Em 2013 o país conheceu o furor das chamadas *Jornadas de Junho*, fenômeno que nos legou um debate ainda incompleto sobre o seu significado, apesar das inúmeras e boas análises que já foram feitas. Um levante massivo que irrompeu carregado de contradições de classes que se desenvolveram no curso dos governos petistas, explicitou, de partida, demandas vinculadas aos transportes públicos de massas nos grandes centros urbanos, questão que foi apenas o estopim para a deflagração de uma pauta mais ampla, que parecia represada, envolvendo reivindicações que iam desde a qualidade e o alcance dos serviços públicos em todos os níveis até as questões salariais e as relações de trabalho.

Em meio a elas, o repúdio à corrupção dos agentes públicos comparecia de modo adjetivo, secundado por demandas mais concretas relacionadas aos elementos materiais atinentes à reprodução social da força de trabalho. Sabemos todos que este papel coadjuvante o qual se destinou inicialmente as bandeiras do combate a corrupção logo foi superado pelo direcionamento que tomou as movimentações massivas. Como não podemos aqui adentrar a profundidade que este debate possui, podemos dizer, o que é relativamente consensual entre os segmentos do pensamento mais à esquerda, que as pautas conservadoras tomaram de assalto os eventos de rua que passaram a ser, crescentemente, ocupados por segmentos conservadores das camadas

médias urbanas (as assim chamadas “classes médias”) que puseram a “anticorrupção” em alta bandeira.

Os desdobramentos posteriores foram impulsionados pelas forças imperialistas, inclusive a Operação Lava-Jato³ - uma cruzada judicial moralizadora que acabaria se revelando criminosa, encabeçada por Sérgio Moro, um agente político travestido de juiz - são resultantes dos rumos que aqueles movimentos massivos tomaram. A força que angariaram passou a abrir caminhos para a emergência não apenas de lideranças políticas dessa “nova direita” - em que se encontra a própria velha extrema-direita - mas, sobretudo, passou a criar espaços para a difusão, em patamares que não experimentávamos fazia décadas, de uma verdadeira pauta conservadora da pior espécie, pois que se tratava da projeção de um *conservadorismo reacionário*.

Seja como for, e este “como for” guarda uma miríade de questões e de debates que estes acontecimentos suscitaram e suscitam, parte de nosso trabalho de pesquisa tem se voltado, obrigatoriamente, para a revisão da literatura que, desde 2013, desenvolveu-se para dar conta do assunto. Por ora, como dissemos parágrafos atrás, cumpre-nos indicar que o nosso entendimento é o de que aí residuiu a forma da crise no Brasil. Partimos do pressuposto de que a atual crise tem seu determinante na economia, como se dá com as crises capitalistas de modo geral. No entanto, como diria o marxista franco-belga Ernest Mandel, as crises irrompem por diversos aspectos que podem não surgir, compulsoriamente, de um evento econômico. Muitas vezes um evento de outra natureza - a queda de um presidente, a irrupção de um vigoroso movimento de massas ou, até mesmo, um desastre natural capaz de destruir parte importante das forças produtivas de um país - pode ser o estopim para que as contradições próprias de uma dinâmica capitalista que engendra, permanentemente, as crises, sofram um solavanco e explodam de modo abrupto, tal qual um vulcão que jamais deixa de efervescer e que pode entrar em erupção a qualquer momento, como Marx figurou n’ *O Capital*.

Por ora, interessa-nos indagar: o que se desdobrou pós-2013? Um apanhado da história recente nos ajuda a identificar os eventos históricos de maior magnitude e impacto social. Uma espécie de inventário de acontecimentos, sinteticamente apresentados em ordem cronológica, nos dá o seguinte: o *golpe* que derrubou Dilma Rousseff, iniciado na Câmara dos Deputados em abril e consumado no Senado Federal em *agosto de 2016*, que deixou escancaradas as relações

³ Importante estudo, publicado recentemente, trata dos laços profundos entre aquela criminosa operação jurídica com os organismos, públicos e privados, vinculados aos interesses imperialistas. Consulte-se o livro de Luís Eduardo Fernandes chamado *A Internacional da Java-Jato: imperialismo, nova direita e o combate à corrupção como farsa*, chancelado pela editora Autonomia Literária em 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

intestinais travadas no parlamento brasileiro, embaladas pelos monopólios midiáticos e, vergonhosamente, referendadas pelos meios judiciais; o *governo ilegítimo* do vice de Dilma, Michel Temer, entre 2016 e 2018, que em pouco mais de dois anos de mandato foi capaz de, novamente com apoio parlamentar, midiático e judicial (apesar das inúmeras denúncias de corrupção que alcançaram o mandatário golpista), aprovar projetos extremamente deletérios para o povo brasileiro como foram os casos da “*reforma*” *trabalhista* e da *emenda constitucional 95 (a PEC do Teto dos Gastos) em 2017* que objetivava congelar os gastos sociais por duas décadas; a arbitrária *prisão de Lula em abril de 2018* - quando liderava as pesquisas de intenção de votos para o pleito daquele ano - que deixou o ex-presidente encarcerado até novembro de 2019 quando “caiu” a sentença de prisão em segunda instância, sinalizando que parte do Judiciário começava a se descolar da aventura golpista a qual serviu de forma vil; a *eleição de Jair Bolsonaro em outubro de 2018* que apresentou ao Brasil e ao mundo um líder político abertamente fascista que se elegeu valendo-se de notícias falsas e de um raivoso antipetismo com o qual angariou apoio político, ostensivo ou envergonhado, de camadas médias urbanas, de consideráveis parcelas das massas trabalhadores, especialmente aquelas que vivem sob o tacão de seitas evangélicas e, claro, das classes dominantes em todos os seus segmentos, do empresariado aos banqueiros, dos maganas do “agrobusiness” às diversas modalidades de rentistas, da grande mídia monopolizada até segmentos importantes da assim chamada sociedade civil organizada; e, é claro, o próprio *governo Bolsonaro (2019-2022)*, cujas medidas econômicas, sociais e políticas deixaram um rastro de destruição que ainda não foi devidamente mensurado.

Eleito na crista de uma verdadeira onda conservadora-reacionária, Bolsonaro e o bolsonarismo que consigo emergiu são as expressões e as consequências mais emblemáticas desses tempos difíceis em que vivemos no Brasil. Expressam um ponto de chegada em que confluíram e convergiram todos os eventos históricos carregados de retrocessos, expostos acima. Mesmo tendo sido derrotado na histórica eleição de 2022, o governo Bolsonaro deixou a sua “obra” cimentada na regressão a que submeteu a sociedade brasileira e manteve vivo o bolsonarismo como força política, apoiado que está num movimento organizado.

O que ainda pretendemos investigar no decorrer da pesquisa se relaciona a uma hipótese central que funciona como hipótese-guia que, evidentemente, se sujeita ao processo da pesquisa proposto por meio do qual saberemos se ela tem razão de ser, ou seja, se resiste ao crivo da realidade concreta que será elevada à realidade pensada, refletida. Tal hipótese-guia é a seguinte:



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

diante de tão profundos acontecimentos que alteraram significativamente a realidade econômica, política, social e ideológica do Brasil nos últimos dez anos, o projeto ético-político do Serviço Social soube resistir para preservar os avanços e as conquistas condensados nos elementos constitutivos do projeto profissional, mas tal resistência não foi capaz de preservar *todos* os avanços e *todas* as conquistas, resultando em *retrocessos que precisam ser identificados*.

O que estamos levantando com esta argumentação hipotética se sustenta - algo que também vem sendo investigado no processo da pesquisa que, como dissemos, ainda está em fase inicial - numa constatação que nos mostra que em pouco mais de dez anos (de 2013 até aqui) vimos o desenrolar de uma série de acontecimentos históricos muito marcantes, arrolados anteriormente, que impactaram fortemente *todos* os níveis da realidade social. Embora venham surgindo estudos que procuram alcançar os seus diversos aspectos, ainda são insuficientes para dar conta do profunda alteração porque passa o Brasil. Nossa pesquisa vem se empenhando em decifrar as transformações sociais em nosso país buscando um enquadramento que envolve *três níveis distintos e articulados numa mesma totalidade social*. Assim, partimos da hipótese de que, nesse lapso temporal já indicado se desenvolveram contradições que, no Brasil, trouxeram alterações no âmbito da *morfologia das classes sociais*, da *fisionomia do Estado* capitalista e da *configuração sociopolítica da sociedade civil*. Abaixo apresentamos apenas as chaves analíticas pelas quais a pesquisa avança.

No que diz respeito à *morfologia das classes sociais*, ainda que, evidentemente, não possamos falar em mudanças significativas no âmbito da estrutura de classes, tivemos movimentos importantes que alcançaram à materialidade da classe trabalhadora. Elas se deveram a variados e importantes fatores. As alterações das formas de regulação das relações de trabalho promovidas pelas sequentes “reformas” trabalhistas nesses últimos anos atingiram em cheio as massas trabalhadoras, alterando seus vínculos que se tornaram ainda mais frouxos, precários e instáveis. As contrarreformas foram tão profundas que ainda não conhecemos plenamente o perfil da classe trabalhadora que elas engendraram.

Entre nós, no Serviço Social brasileiro, entre outros estudos, vale notar o processo de investigação que vem sendo liderado nesse campo pela professora Rachel Raichellis que, recentemente, publicou uma coletânea que explicita parte das pesquisas feitas relacionadas, principalmente, ao impacto das tecnologias de informação no trabalho profissional. Outros e outras estudiosos de nossa área têm avançado nesse domínio, indicando aspectos tecnológicos que tangenciam o próprio trabalho profissional. No entanto, ainda é insuficiente o que vem sendo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

investigado acerca das relações de trabalho que têm concorrido para emoldurar uma nova classe trabalhadora. Tais tendências refletem as contradições do atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo contemporâneo provocadas pelas mais recentes inovações tecnológicas. Elas vêm alcançando praticamente todo o mundo “globalizado” do capital, levando aos mais atentos estudiosos brasileiros a buscar entender o fenômeno que vem sendo identificado com “uberização” das relações de trabalho.

Em consequência de tais alterações, que compõem parte importante da materialidade do nosso tempo, está em curso um trânsito das formas políticas que as representam, incluindo as disputas em torno da constituição de um novo bloco de poder. Conforme já pontuamos, as classes dominantes estão em busca de uma nova forma de dominação em que possam se plasmar como classe dirigente. Deve-se dizer, ainda, que estão em crise as instituições que constituem o Estado capitalista brasileiro que vive uma crise de legitimidade que deriva dos limites contemporâneos dos institutos liberais-burgueses, o que pode significar um esgotamento da institucionalidade própria da democracia burguesa, algo que vai mais fundo do que uma situação conjuntural. A combinação de novas formas de busca de consentimento das massas com incremento do arsenal tecnológico voltado à repressão certamente são ingredientes das mutações na *fisionomia do Estado* cujos aparelhos, ideológicos e repressivos, adequam-se à dinâmica contemporânea das lutas de classes.

Ao mesmo tempo, vê-se muitas mutações no âmbito dos organismos da sociedade civil, tanto entre aqueles ligados ao universo do trabalho quanto aqueles vinculados aos interesses do capital, o que, em decorrência, nos sinaliza que as lutas de classes estão a desenvolver por meios de organismos novos, ainda que não tenham saído de cena os tradicionais, especialmente a forma-partido que, para a classe trabalhadora, é absolutamente indispensável como o único instrumento político capaz de universalizar as inúmeras demandas sociais. Mas o que queremos realçar aqui, e aprofundar no processo da investigação, é o surgimento de inúmeros novos sujeitos políticos que adicionam elementos novos à dinâmica das lutas de classes.

Tais elementos parecem apontar para uma persistente crise de natureza orgânica que se caracteriza por impasses provocados pelo vácuo político que se cria, inviabilizando as condições que até então cimentavam uma determinada forma hegemônica. Tal caráter de crise orgânica se estabelece quando se cruzam determinados vetores que a mantêm e a prolongam. Uma combinação, que os anos de governo Bolsonaro fizeram avançar, entre: uma profunda crise econômica que desestabiliza as formas de atuação dos operadores econômicos dominantes; uma



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

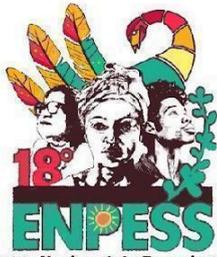
crise política em que os organismos políticos tradicionais das classes dominantes apresentam dificuldades para empalmar uma unidade política de ação; e uma, também profunda, crise social com características capazes de esgarçar o tecido social de maneira acelerada e dramática.

Soma-se a isso, o agravamento dos conflitos institucionais que põe em evidência as dificuldades inerentes ao impasse político criado e faz surgir personagens oriundos de segmentos da institucionalidade que, em condições normais, participam apenas indiretamente da política, como são os casos das forças armadas e do judiciário. Todos estes ingredientes estão presentes na crise brasileira, desde, pelo menos, 2014 com a ascensão da chamada Operação Lava-Jato.

Acresça-se, ainda, as dificuldades do movimento organizado da classe trabalhadora que acumula derrotas e conhece retrocessos políticos e sociais que alcançam em cheio as massas trabalhadoras. Eis aí, em linhas muito gerais, *o cruzamento entre as mudanças no perfil da classe trabalhadora, as alterações na fisionomia do Estado e os novos sujeitos da sociedade civil que adicionam novos contornos às lutas de classes*. Aqui não fizemos mais que apontar estes “problemas” que exigem um enorme esforço de pesquisa que possa nos levar a uma análise realmente profunda.

Por fim, mais uma vez afirmamos que o nosso projeto profissional não poderia escapar imune dessa avalanche cuja força, como vimos, tem levado de roldão muitos personagens, individuais e coletivos. Assim, é evidente que não poderíamos pensar, messianicamente e endogenamente, que estaríamos imunes a tamanhas questões que estão ainda a se processar - e que, por isso, não desfrutamos de reflexões mais robustas e significativas. Se assim pensássemos, ou seja, se separássemos o projeto ético-político da história concreta e das condições objetivas que ela porta, elevaríamos o projeto, de forma voluntarista e, portanto, de modo a-histórico, a uma condição idealizada em que ele dependeria apenas da vontade dos sujeitos que o fazem. Por outro lado, e foi Marilda Iamamoto (1992) quem nos chamou a atenção para esses riscos, se tratarmos a realidade, por mais adversa que possa ser, com uma fatalidade que nos impõe uma condição imutável, incorreríamos, com sinais trocados, numa mesma posição a-histórica, desta vez negando aos sujeitos a possibilidade de fazer história, o que de fato a fazem.

Por conseguinte, para pensarmos o nosso universo profissional e o projeto ético-político que o envolve, a grande questão que se coloca, que é a que mobiliza o essencial de nossa pesquisa, é a seguinte: se considerarmos os impactantes acontecimentos políticos, econômicos e ideológicos que se desenvolveram desde 2013/2014, quais consequências para o nosso projeto



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

profissional? Ele foi capaz de manter suas linhas fundamentais, historicamente materializadas em seus elementos constitutivos? Sofreu retrocessos, quais?

Referências

- ABRAMIDES, M. B. C. *O projeto ético-político do serviço social brasileiro: ruptura com o conservadorismo*. São Paulo: Cortez, 2019.
- BARATA, J. & BRAZ, M. O projeto ético-político do Serviço Social. In: CFESS/ABEPSS. (Org.). *Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*. 1ed. v. 1, p. 185-201. Brasília: 2009.
- BRAZ, M. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. In *Serviço Social & Sociedade*. v. 128. São Paulo: Cortez, 2017.
- _____. Lutas sociais e projeto ético-político: história em processo. In: Silva, Maria Liduína de Oliveira (Org.). *Congresso da Virada e o Serviço Social hoje: reação conservadora, novas tensões e resistências*. São Paulo: Cortez, 2019.
- _____. Crise contemporânea e política imperialista. In: Luis R. M. Fernandes (Org.). *Introdução ao imperialismo tardio*. 1 ed. São Paulo / Recife: LAVRAPALAVRA / RUPTURA, 2022.
- _____. O Brasil atual e a tragédia bolsonarista: elementos históricos e conjunturais para pensar o projeto ético-político In: *Diálogos do Cotidiano*. Assistente Social. Reflexões sobre o trabalho profissional. Brasília: CFESS, 2023.
- BRAVO, Maria Inês et al. O protagonismo da ABESS/ABEPSS na virada da formação profissional em Serviço Social. In: SILVA, Maria Liduína. *O Congresso da virada e o serviço social hoje: reação conservadora, novas tensões e resistências*. São Paulo: Cortez, 2019.
- BEISNTEIN, J. Origem e declínio do capitalismo. *Revista Margem Esquerda*. Ensaios marxistas. n. 21, out. 2013; p. 78-93, 2013.
- _____. *Capitalismo Senil*. A grande crise da economia global. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- CHAVAGNEUX, C., PALAN, R. *Les paradis fiscaux*, Paris: La Découverte, col. *Repères*, p. 43-51, 2007.
- CHESNAIS, F. *A finança mundializada*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. *As dívidas ilegítimas*. Quando os bancos fazem mão baixa nas políticas públicas. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012.
- DAVIS, E. P. *Debt, Financial Fragility and Systemic Risk*. Oxford: Clarendon Press, 1992.
- DUMÉNIL, G., LÉVY, D. *A crise do neoliberalismo*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- _____. Superação da crise, ameaça de crises e novo capitalismo. In CHESNAIS, F. et al. *Uma nova fase do capitalismo?* São Paulo: Xamã, 2003.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

FERNANDES, L. E. *A Internacional da Java-Jato: imperialismo, nova direita e o combate à corrupção como farsa*. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

HARVEY, D. *Os limites do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

HUSSON, M. *A miséria do capital*. Lisboa: Terramar, 1999.

LENIN, V. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo. Ensaio popular*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

_____. Prefácio. In BUKHARIN, N. *A economia mundial e o imperialismo. Esboço econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, K. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *O capital. Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MOTA, A. E. A centralidade da assistência social na seguridade social brasileira nos anos 2000. In: MOTA, A. E. (Org.) *O mito da assistência social: ensaios sobre estado, política e sociedade*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

NETTO, J. P. Das ameaças à crise. *Revista Inscrita*. n.10. Brasília: CFESS, 2007.

PORTES, A. The informal sector and the capital accumulation process in Latin America. In: PORTES, A., WALTON, J. (Orgs.) *The Political Economy of Development*. Nova York: Academic Press, 1980.

RAICHELLIS, R., et al. (Orgs.) *A nova morfologia do trabalho no Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2020.

RAMOS, S. R. A mediação das organizações políticas. *Revista Inscrita*, n. 10. Brasília, CFESS: 2007.

STREECK, W. *Tempo Comprado. A crise adiada do capitalismo democrático*. Lisboa: Actual, 2013.